GUIÃO



Nº 1 ~ 28 DE MAIO DE 1949





APRESENTAÇÃO

Conforme o prometido, aqui está a nossa Revista.

— Boa, má? Interessa muito, interessa pouco? Falta-lhe isto, sobra-lhe aquilo?

Ora, é isso mesmo que vocês dirão. Isso e muito mais — vão dizer também como a querem. E vão fazê-la, pois claro! O **Guião** embora surgisse aqui na Escola Central, não significa que pertença a meia dúzia de privilegiados.

Pelo contrário. O **Guião** é dos que trabalham nos Centros, dos que vivem a M. P., dos que são capazes de tudo suportar, contanto que aos rapazes não falte o indispensável.



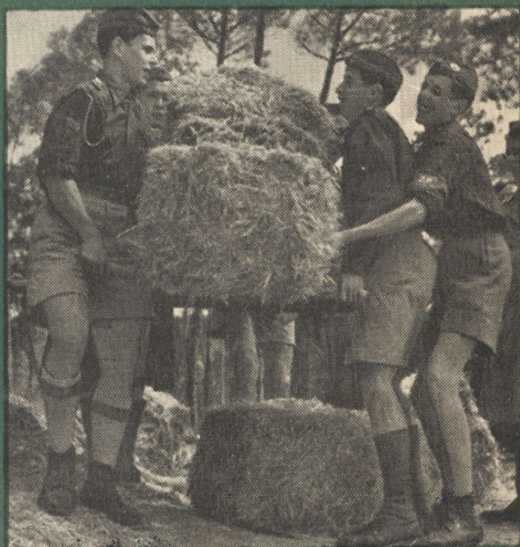
Duma ponta a outra, a Revista deverá ser uma conversa entre Graduados dos 4 cantos de Portugal. Conversa alta — bem entendido — e produtiva. Ao ler o **Guião**, o Graduado sentir-se-á atraído para os Ideais da Mocidade, nele encontrará matéria nova e útil para educar os rapazes e, sempre que estiver a braços com dificuldades, não tem mais que escrever uma carta para a Redacção. Habituem-se a desabafar conosco, de amigo para amigo.



De apresentação já chega. E, como ela foi bastante prosaica, sonhemos agora um pouco com a «Chama da Mocidade», com o **Guião** que nos foi entregue na Escola de Graduados. Sonhemos o Futuro que se ergue para além do trabalho e do sacrifício de hoje...

Não faz mal sonhar um pouco, podem estar certos. Ainda ontem sonhávamos a Revista do Graduado e, apesar de tudo, já hoje a tens nas mãos...

A REDACÇÃO



NOVO GUIÃO

CONFESSO que não foi com plena tranquilidade de espírito que vi nascer e tomar corpo a ideia da publicação desta nova Revista nos quadros da Organização.

Logo à primeira vista temi o inconveniente duma excessiva dispersão de esforços, quando é certo que as iniciativas deste género carecem duma persistência e dum desinteresse infelizmente pouco correntes.

Por outro lado, temi o desenvolvimento de uma indesejável tendência para a delimitação rígida de *sectores* dentro de um movimento que é por natureza uno e homogéneo e que, portanto, aconselha e exige um constante obstáculo à criação de barreiras, de separações, de compartimentos.

Mas depressa me convenci de que esta publicação poderá oferecer vantagens superiores aos inconvenientes, sobretudo porque confio em que os empreendedores da tarefa saberão combater, se não mesmo anular, esses inconvenientes possíveis.

Efectivamente, o quadro dos Graduados — quase diria o *Corpo* dos Graduados — tem mantido sempre, dentro da M. P., um espírito especial. Não me quero referir tanto à qualidade, pois também há simples filiados com bom espírito, quanto ao *Grau* desse espírito, que representa um motivo de orgulho dos Dirigentes da Organização, uma das mais confortantes recompensas do trabalho dispendido e um dos mais fortes pilares da certeza de que a Revolução continuará.

A passagem pelas Escolas de Graduados, quer pela Central quer pelas Regionais, seja nos cursos de verão seja nos cursos de inverno, imprime nos nossos rapazes qualquer coisa nova, de místico e de profundo, que faz deles novos apóstolos das ideias e das obras da Mocidade, ao mesmo tempo que entre todos cimenta uma solidariedade e uma camaradagem altamente apreciáveis e muito apreciadas.

Daí que, colocados depois nos respectivos Centros, eles não se fechem sobre si mesmos, não se mergulhem na contemplação das divisas conquistadas, não se abriguem por detrás do grau alcançado como por detrás de um arame farpado ou de uma barreira que os separe e distinga das massas. Ao contrário, lançam-se no trabalho de elevar as massas até si, de criar amigos em redor deles, de difundir a luz que os ilumina, de comunicar a própria fé que os levou à Escola e ali consolidaram e tornaram mais consciente.

Quem me dera saber exprimir a confiança que tenho nos nossos Graduados!

Essa confiança afogou em mim os temores e as hesitações. Estou certo de que, nas mãos deles, este Guião espiritual, expressão daquele outro, rubro com letras de oiro, que eles têm dignificado, não cairá por míngua de persistência e desinteresse, não representará dispersão porque lhes não absorverá e esgotará a capacidade de colaboração noutras obras, não será o símbolo de um sector fechado e orgulhoso. Antes estou certo de que será mais uma pedra basilar da sua camaradagem exemplar, da sua ânsia de perfeição; será uma nova bandeira do seu apostolado.

Afinal, é já com alegria que vejo nascer a obra criada pela ideia que de princípio me fez temores... A minha confiança não será iludida!

Comovidamente saúdo, braço ao alto, os Dirigentes responsáveis pelas Escolas, as mesmas Escolas e os nossos queridos Graduados.

LUÍS PINTO COELHO

COMISSÁRIO NACIONAL

Passo em frente



ESTÃO de parabens os Graduados da Mocidade Portuguesa. Ia a dizer está de parabens a própria Mocidade, tão integrados devem estar, na vida da Organização, os seus Graduados.

Com o objectivo de estreitar os laços de camaradagem criados no decorrer dos cursos, surge, por iniciativa de um grupo de rapazes M. P., uma revista para Graduados. Eles sabem bem da necessidade desta iniciativa. Ainda há dias, falando com um Dirigente de Évora, antigo Graduado, ele me dizia que as suas melhores amizades foram as que nasceram no convívio alegre e são do seu curso de férias. Dos mais diversos pontos do país lhe chegam abraços de amigos que conheceu então e que, passados tantos anos, a despeito da dispersão a que a vida obriga, ainda não esqueceram. Exemplos dêstes conheço-os ás dezenas. Vê-se daqui a importância dêste novo laço que se cria para estreitar e cimentar tais amizades. Esta, como disse, a missão imediata da Revista. Mas outros aspectos das suas vantagens cumpre salientar, primeiro a sua projecção, depois o seu significado para a obra de formação de Chefes em que, há tantos anos, andamos empenhados.

A Revista desejará reunir em si a colaboração de todos os Graduados, aceitando tôdas as sugestões que tenham por fim melhorar a obra educativa a que nos votámos, com um entusiasmo que *nada* faz diminuir e que tem a alimentá-lo o calor e a pureza dos corações dos *melhores rapazes de Portugal*! Nestas colunas se trocarão impressões que fortaleçam a nossa Doutrina e melhorem a nossa Técnica, com o fim de atrair *todos* ao ambiente são que se vive em torno da nossa "Chama". À experiência colhida, tão amarga para alguns, na desilusão da sua vida nos Centros, junta-se a certeza dos que teem a felicidade de *servir*, bem apoiados pelos seus Dirigentes, cuja obra honra a Mocidade Portuguesa. Deste convívio renascerá a fé de *todos* nos destinos da nossa Organização.

E, para terminar, vejamos o que significa, para mim, a vossa iniciativa. As Escolas de Graduados têm merecido o mais valioso apoio e a mais inteligente crítica de quantos encaram, em grande, o seu trabalho. E são sempre bem vindas as indicações de quem vê os nossos problemas com elevação e nobreza. Mas também tem recebido os comentários mesquinhos, a facadinha traiçoeira, a prova da ingratidão de alguns e da inveja de outros. Que a obra educativa exercida pelas Escolas de Graduados, junto dos seus rapazes, é bem orientada e frutifica está a prová-lo, claramente, a vossa idéa de hoje. A Escola de Graduados tem um papel importantíssimo na vossa formação. Nós não mentimos. Criamos nos rapazes o amor ás responsabilidades, desenvolvemos o espírito de iniciativa, procuramos dar a todos confiança em si próprios, quer dizer, fazemos homens, criamos Chefes! Logo, cumprimos. Creiam: há mais de dez anos que luto ao vosso lado, ano após ano, curso após curso, e muitas teem sido as alegrias que o trabalho convosco me tem proporcionado. A maior de todas foi a que um grupo de Graduados M. P. acaba de me dar, lançando a idéa da criação desta Revista. E aqui estamos, como sempre, para vos apoiar, para vos guiar, para vos incitar, ciente que de pouco vos servirá este apoio e esse incitamento, pois não vejo que deles possais carecer, tão completo e perfeito foi o plano que me foi presente, para a elaboração do vosso GUIÃO.

E, portanto, estão de parabens os Graduados da M. P.. Está de parabens a própria Organização, a nossa Mocidade, A VOSSA MOCIDADE!

Luís Ribeiro Vianna
Major de Engenharia

28 DE MAIO

1926. Sufocada pela mordaça de um ambiente geral de desprestígio, de descrença e tacanhez nacional, a Pátria foi forçada a reagir lançando-a para longe.

E, uma vez liberta dela, pôde então respirar e procurar, num regresso progressivo à vida, os rumos que sempre tinham sido os seus.

É de rejuvenescimento extraordinàriamente vigoroso este esfôrço vitalizador.

Nós, que nele estamos integrados porque dele faz parte a *Mocidade Portuguesa* — a qual tem de, por definição, estar sempre onde estiver uma pulsação de juventude — nós somos, sem dúvida, detentores de inalienável mandato — o de quantos se esforçaram por um *Portugal Melhor*.

E, visto que "ser fiel ao espírito da *Revolução* é ser fiel ao espírito da *Mocidade Portuguesa* – porque a Mocidade nasceu da Revolução Nacional e recolheu o seu mais acrisolado pensamento", é nesse espírito — espírito perseverante, mas também espírito de insatisfação, daquela insatisfação que caracteriza a idade moça e que, bem orientada, chega a conduzir ao heroísmo — que temos de viver e agir.

Temos de ser, primeiro, guardiões e, em seguida, paladinos esforçados deste pelejar contínuo e sempre crescente que é o anseio de perfeição que há-de permitir a resposta de presença que é forçoso ter nos lábios, sempre que a Pátria no-la peça e a consciência no-la imponha.

Amigos! Uma vez mais, serão nossos, desde o entardecer de hoje até alta manhã do dia 29 de Maio, os Castelos e outros monumentos históricos que se encontram pelo país além.

Uma vez mais, escaladas colinas ou montanhas, atravessadas as planícies e vencidas as encostas, chegaremos lá acima. E lá desfraldaremos ao vento o pendão da nossa juvenil pujança — a Chama altaneira que sobressairá na noite das torres de menagem e as outras chamas mais pequenas que ergueremos na mão, mais altas do que nós próprios, todas elas chamas inquietas de velada.

E, por todo o Portugal, se ouvirá a espaços o grito de Alerta dos que por Ele velam.

Pois bem! E' necessário que nesta noite em toda a lusa terra se oiça com fôrça a voz da nossa Presença e se veja e sinta bem o clarão da alta Chama que é fogo do nosso peito.

Que os ouçam, vejam e sintam todos os Portugueses. Porque o que a nossa Velada quer dizer é, acima de tudo, que o fogo ateado no novo ressurgir da Pátria há-de continuar aceso, cada vez mais vivo, cada vez mais quente, cada vez mais forte.

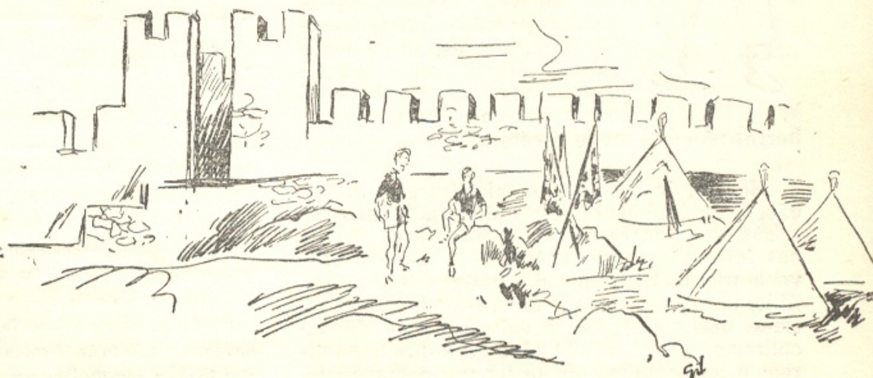
Por êle velamos nós, Mocidade de Portugal!

Não queremos só ouvir dizer que somos os homens de amanhã.

Sabemos que temos de o ser, de facto. E queremos e havemos de saber sê-lo. Para tal não se limitará a esta noite tão curta o período da nossa vigília. Ela vai, antes, prolongar-se por toda a vida e por toda a parte em perene *Alerta por Portugal!*

E' por isso e para isso que a Mocidade é *Alma*, é *Vida*. E nós saberemos vivê-la.

Carlos Lima



INSTRUÇÃO GERAL

Formações e evoluções



As formações e evoluções visam, não o efeito espectacular que às vezes apresentam, mas sim criar no rapaz o sentido de unidade, disciplina e domínio próprio de que ele deve estar sempre munido.

Diz-se que esta actividade apaga a personalidade dos rapazes. Mas, antes, cria neles o culto da camaradagem e o hábito do trabalho em conjunto que compensam bem o pouco de subordinação e disciplina que uma formatura exige.

E' preciso é que tudo seja bem feito, não só da parte dos rapazes mas, sobretudo, da parte de quem comanda.

Iniciamos os trabalhos da secção, apresentando-te os erros que frequentemente se verificam no Graduado, quando comanda, afim de te corrigires, se os possues, pois, conforme sabes, talvez por experiência, os erros e faltas dos que comandam só contribuem para o seu desprestígio.

O sentido: E' a posição que quase ninguém executa com perfeição, embora ao ouvires a velha lenga-lenga *(mãos esticadas, calcanhares unidos, cabeça levantada...)* te rias com um certo ar de superioridade. No entanto, vê, na gravura ao lado, a figura que às vezes fazes.



Vozes e berros: Grande parte dos Graduados confunde voz de comando com berros de comando. No entanto *ter boa voz* não significa *dar berros*, tanto mais que uma voz berrada é geralmente voz que se não percebe e, como tal, a sua execução torna-se impraticável. Quando, depois duma instrução, sentires fortes dores nas fontes, podes ter a certeza de que não comandaste, mas sim berraste. E a figura que fazes quando berras não é lá muito recomendável.

Maneira de instruir: Ao ministrares a instrução, deves fazê-lo com certa alegria, de maneira a não te tornares maçador. Não deves insistir nas formações e evoluções, pois que isso provoca um relaxamento da parte dos filiados. Além disso, a instrução deve ser variada. Mostra-te desembaraçado e sabedor, afim de incutires confiança nos filiados para que te admirem e se orgulhem de te ter por comandante.

A farda: Sendo a farda um dos símbolos da Organização, que mais carinho nos devem merecer, tens por dever, ao envergá-la, comportar-te de maneira a que a tua acção só contribua para o prestígio da M. P. Como tal, deves ser mais limpo, mais aprumado e mais bem educado do que qualquer outro.

Na instrução, é falta grave andares à paisana, devendo andar com o uniforme de trabalho. E' também tua obrigação observares a maneira como os filiados a envergam e as atitudes que tomam quando uniformizados. Fixa pois isto: "QUANDO FARDADO DEVES ANDAR IMPECÁVEL".

O culto da farda deve ser por nós praticado com todo o ardor e devemos tornar-nos verdadeiros paladinos desse culto.

Para isso, é indispensável que apenas envergues peças que sejam do fardamento e não te deites a divagar, usando o *bivaque à aviador* e muitas mais variações que por aí se vêem.



Já deves ter observado que pareço mais um velho rabugento que um jovem da tua idade, mas o meu propósito — e julgo que concordas comigo — é apenas contribuir para o engrandecimento da nossa querida Organização até mesmo nestas coisas que podem parecer sem importância e que, no entanto, quando mal executadas só servem para o seu desprestígio.

No próximo número, aqui me terás outra vez para continuarmos a conversa e, até lá, EXECUTA BEM O "SENTIDO", NÃO DÊS BERROS, INCUTE A CONFIANÇA NOS TEUS RAPAZES E ANDA IMPECAVELMENTE FARDADO.

Simões Alberto

Sabias que...



...a unidade fundamental da organização militar romana — a *legião* — englobava 6.000 homens, e se dividia em 10 *coortes*, possuindo cada uma 600 homens? Cada coorte compreendia 3 *manípulos* de 200 homens e cada manípulo tinha 2 *centúrias* com 100 soldados. O *centurião* era o comandante de centúria e o *decurião* comandava um conjunto de 10 soldados. Várias legiões constituiam um *exército*.

ORGÂNICA

10 minutos de conversa

Em cada dia de instrução tens reservados dez minutos de conversa com os teus trinta rapazes. Conversa M. P., claro. Os símbolos, as insígnias e os uniformes, as simples normas do Regulamento constituem filão inesgotável que irás explorando de modo a dar ao teu Castelo conhecimentos bastantes sôbre a Orgânica da Mocidade.

Para facilitar o teu trabalho, *Guião* vai publicar pequenos apontamentos que aproveitarás depois na explicação.

Hoje, para começo, falamos sobre a Bandeira da M. P.. Conversa simples, acessível a todos e de tal forma clara, que logo se tiram conclusões. Há assuntos em que convém insistir, realçar o significado, procurar despertar o interêsse do filiado. Claro, simples, incisivo — só assim falarás aos teus rapazes.

E, posto isto, comecemos.

(1) Qual o sentido do Escudo?

O Escudo é motivo de nobreza, apelo a bem servir

O Escudo tem origem em tempos muito recuados. Usado pelos cavaleiros e homens d'armas da Idade Média, é, a princípio, liso, apondo-se nele, pouco a pouco, vários elementos simbólicos que recordam feitos memoráveis. Assim se cria o escudo de armas, orgulho legítimo do cavaleiro, que o transmite a seus filhos acrescido de novos símbolos e títulos de glória. O Escudo torna-se portanto, para aquele que o usa, não só um motivo de nobreza, como também um constante apelo ao cumprimento do dever.

Para o filiado da M. P., a Bandeira da Organização é o seu mais alto título de fidalguia.

A Bandeira da Mocidade é a de D. João I. O reinado de D. João I é, na verdade, o que melhor encarna O ESPÍRITO DA MOCIDADE.

Lê-se na "Formação de Graduados":

"O Rei subiu ao trono com 26 anos. O Condestável ganhou a sua primeira batalha com 24. Um e outro, desde muito novos, deram larga actividade ao seu espírito heróico."

"A Ala dos Namorados representa o escol da mocidade de então batendo-se gloriosamente pela independência da Pátria nos campos de Aljubarrota."

"Os filhos de D. João I, D. Duarte, D. Henrique, D. Pedro, D. Fernando,

(Continua na pág. 22)

O nosso Concurso

Quem descobre?



O filiado da gravura está infringindo o Regulamento.

Envia à Redacção um simples postal com a indicação da falta notada.

A todos quantos derem respostas certas será enviado gratuitamente, o n.º 2 do *Guião* e entre eles serão sorteados os seguintes prémios:

1.º — "Por amor da juventude" *Dr. Marcelo Caetano.*

2.º — "Tronco em flôr" *Beckert d'Assunção.*

3.º — Manual de Higiene da M. P..

E agora venham as respostas.

Efemérides

Na vida dos centros há datas que o Graduado não pode esquecer de relembrar aos filiados.

Deverás ser cuidadoso nesse ponto. A lembrança da batalha ou da descoberta que se comemora certo dia, pode ocupar o pensamento do rapaz com utilidade. Assim o habituarás a estabeleeer o elo de ligação entre o passado e o presente e a sentir a responsabilidade dos seus actos que, amanhã, podem também vir a ser objecto do mesmo julgamento.

O Guião *auxilia-te nesse pormenor da tua tarefa, publicando o quadro de efemérides do mês*.

MAIO



28 de Maio de 1926

28 – 1926 — Inicia-se em Braga, sob o comando do General Gomes da Costa, a REVOLUÇÃO NACIONAL.

29 – 1891 — Tratado de Portugal com a Inglaterra, infeliz para nós.

31 – 1938 — Termina o II Acampamento Nacional da M. P.

1793 — Inicia-se em França o regime de Terror.

JUNHO

1 – 1839 — Os portos de Moçambique são abertos ao comércio internacional.

1665 — As tropas espanholas marcham sobre Vila Viçosa.

5 – 1949 — DOMINGO DE PENTECOSTES.

6 – 1548 — Falece em Goa, D. João de Castro, IV Vice-Rei da Índia.

7 – 1494 — Conclui-se o Tratado de Tordesilhas.

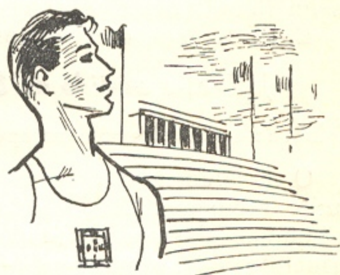
10 – 1944 — Com a colaboração de mais de 3.500 filiados da Mocidade Portuguesa, inaugura-se em Lisboa o Estádio Nacional.

12 – 1516 — O Papa Leão X concede aos Reis de Portugal o **Padroado em todo o Oriente.**

17 – 1665 — Batalha de Vila Viçosa — Sob o comando do Marquês de Caracena, a tropa espanhola ataca Vila Viçosa. Resiste-lhe heroicamente o Governador da Praça, Cristóvão de Brito, que consegue suster o inimigo até que, vencido pela superioridade do número, se refugia com a guarnição dentro dos muros do castelo. Aí o intimam a render-se mas a resposta é continuar a luta.

Entretanto o exército português aproxima-se e dá batalha aos castelhanos no campo de Montes Claros. Começa às 8 horas da manhã e só às 3 da tarde se decide, vindo a terminar com 10.000 inimigos fora de combate.

Esta é a última batalha pela Restauração da Independência que põe termo às veleidades de Espanha sobre Portugal.



10 de Junho de 1944

17 – 1939 — O venerando Chefe do Estado parte para a II Viagem Presidencial à Africa.

18 – 1425 — Joana d'Arc ganha aos ingleses a batalha de Patay.

22 – 1815 — Segunda abdicação de Napoleão Bonaparte.

23 – 1661 — Tratado de Portugal com a Inglaterra, em que se assegura a colaboração das suas esquadras em defesa do nosso território.

25 – 718 — Batalha de Covadonga ganha por Pelágio e que marca o início da Reconquista Cristã na Península.

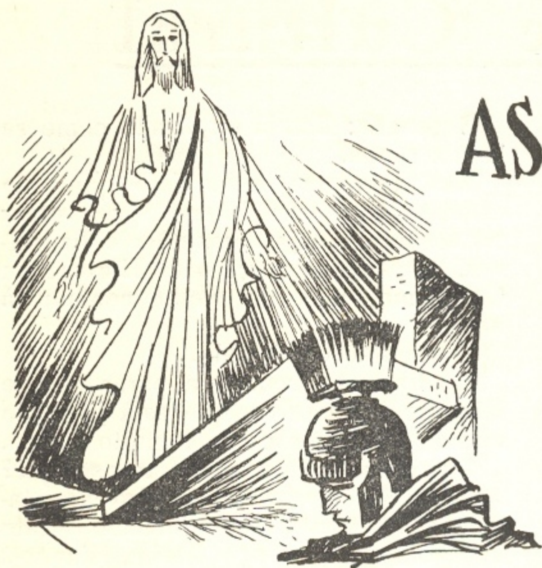
28 – 1949 — *Dia de São João Baptista.*

1914 — Assassinato dos Arquiduques de Áustria, em Sarajevo — origem da 1.ª Guerra Mundial.

29 – 1949 — *Dia de S. Pedro e S. Paulo.*



17 de Junho de 1665



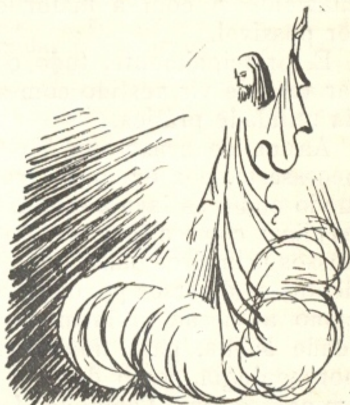
AS TRÊS FESTAS DA *PÁSCOA*

QUANDO preparares o teu acampamento, depois de providenciar pelo fornecimento das batatas, pelo material de campismo e por tudo isso que sabes tão bem ou melhor que nós, não esqueças um ponto. Pode parecer-te insignificante mas não é. Trata-se do seguinte: Ir ao calendário e procurar as datas mais importantes que calham durante o acampamento. Para quê?

Muito simples. Supõe que há um Domingo ou um Dia Santo. Os filiados, na maioria — senão todos — são católicos. Têm, pois, obrigação de assistir à Santa Missa e deverá ser o Graduado a primeira pessoa a lembrar-lhes o cumprimento dos seus deveres religiosos. Mas, não só lembrar. Deve dispor as coisas com antecedência de maneira a facilitar o cumprimento.

E, à noite, na «*Chama*» quando surgem os momentos mais sérios que dedicamos a pensar em Deus e na Família, o Graduado fará uma evocação. Coisa simples e curta. Um pensamento apenas, mas um pensamento dito em voz firme e quente que vinque na alma do rapaz o sentido da sua vida sobrenatural.

Ora, para esse efeito, aqui deixamos três breves apontamentos que te podem sugerir ideias para encerrrar a vossa «*Chama*» cristãmente.



A RESSURREIÇÃO

Evocação — O Senhor acabara de expirar na Cruz. José de Arimateia, o Príncipe do Sinédrio, pede a Pilatos que o deixe depositar o corpo de Jesus no Sepulcro novo, talhado na rocha da montanha, que ele possui ali perto.

Os fariseus, porém, temem que se cumpra a promessa de Cristo: — "*Ressuscitarei ao terceiro dia*" — e colocam guardas armados diante da porta do Sepulcro, que ficou cuidadosamente selada.

Noite velha. As estrelas cintilam. Os soldados conversam diante da fogueira...

Súbito, um ruido como o do trovão ecoa por toda a parte. A pedra do Sepulcro é revolvida com fragor e Cristo, glorioso, sobe ao Céu por entre cânticos de Anjos, resplandecente de luz...



Cumprira-se a promessa: "*E ao terceiro dia ressurgiu dos mortos, subiu ao Ceu...*"

Conclusão prática. 1 — A alma do cristão deverá ser como o sepulcro novo sempre limpo e purificado para receber o corpo do Senhor

2 — Na nossa Páscoa, ressuscitaremos com Cristo para a vida nova da Graça.

QUINTA FEIRA DE ASCENSÃO

Evocação — Durante quarenta dias Jesus continuará na terra. Conforta e fortalece na Fé os seus discípulos, faz-lhes as últimas recomendações, institue a Igreja que há-de ficar na terra a perpetuar a sua missão. Surge e desaparece — o seu corpo já não está sujeito às leis da matéria.

Continua na pág. 21

Actividade Cultural

Mau! Lá vais tu virar a página.

Espera... Não tenhas pressa, homem.

Descansa, que, no que vais ler, não há nada do outro mundo. Não se vai tratar aqui de altos problemas do espírito nem filosofar sobre as grandes correntes ideológicas do mundo.

Falar-se-á, sim, do caso concreto da actividade cultural da M. P.

Iremos passear, conversar, viver os diversos aspectos dessa actividade.

Mas não esqueceremos que, se bem que ela seja CULTURAL, é também e sobretudo DA M. P.

Como tal, será proibido em absoluto adentro destes domínios (os da nossa secção) todo e qualquer ar doutoral ou erudito.

Os assuntos serão tratados o mais chãmente e com a maior clareza que for possível.

E, principalmente, tudo o que se tratar terá de vir vestido com a roupagem da utilidade prática.

Assim, se acaso um dia viesse a ser necessário, por exemplo, tratar aqui do modo como se lava a roupa, não iríamos explicar como a lavavam no Paraíso os nossos primeiros pais (!), como a lavaram depois os diversos povos da antiguidade, como a vieram a lavar os homens da Idade Média, para finalmente concluir, por analogia, como deveria ela lavar-se em nossos dias. Tampouco faríamos considerações acerca da composição química da água e do modo de fabricar o sabão necessário. Nada disso! Apenas diríamos que se tomava a roupa, se metia em água e se lavava esfregando-a com sabão, expondo ùnicamente o modo de agir nessa "esfregadela".

E pronto: ficaria explicado como se lava a roupa.

Mas deixemos isso, visto que não estamos aqui com intenção de versar tal assunto — cuja competência diz, talvez, respeito às secções de Higiene ou Campismo, mas de modo nenhum à nossa.

Está então combinado.

E, dito isto, vamos a parar com o falatório introdutivo, que está já sendo muito comprido e a ocupar muito espaço.

Que assuntos vão então tratar-se aqui? Apenas daremos deles ligeiro apontamento, isto é, não lhes faremos o retrato mas sòmente o esboço. Assim, falar-se-á do Canto Coral, dos diversos tipos de jornais que à M. P. dizem respeito, de Teatro naquilo que êle tem relativo à vida dos Centros; outro tanto para o Cinema; falaremos ainda de Rádio, das festas da M. P., de diversas actividades que movimentam rapazes de todo o País (Salões de Educação Estética, Chama de Maio, etc.), das Bibliotecas dos Centros, das Chamas da Mocidade e, de um modo geral, de tudo quanto, nas nossas actividades, diz respeito ao sector cultural. Entendido?

Pois então, declaramos que está acabada a introdução. Uf! Que alívio.

E desculpa, mas o espaço de que hoje dispomos não permite que continuemos a dar à língua.

O trabalhinho continuará a desdobrar-se no próximo número (neste se publicam as primeiras coisas sobre festas nos Centros e uma canção).

Até Agosto, vai-te preparando para muitas e grandes coisas.

LIMA

"Não queiram os novos parecer velhos. Melhor: não vão buscar à velhice os piores defeitos dela. É dever de todos nós dignificar a Juventude. Mostrar-lhe os caminhos que a elevam. Esclarecê-la quanto às atitudes que lhe quadram. Fazê-la magnífica, bela e grande. Em todos os actos. Em todos os momentos. Em todos os lugares".

M A R C E L O   C A E T A N O



Acerca das festas dos Centros

I

Amigos: as festas do vosso Centro não podem ser, de forma alguma, obra apressada, feita de improvisações e remedeios. Há que pensá-las maduramente para as executar com aquela dignidade e perfeição que são o cunho de todas as realizações da Mocidade Portuguesa. A vós cabe emprestar-lhes muito da vossa dedicação e entusiasmo. Vejamos em que podem aplicar-se, com proveito, tal dedicação e tal entusiasmo.

Trataremos, em princípio, das festas ditas culturais. Falaremos, depois, das desportivas, de pequenas sessões para distribuição de prémios, etc.

1.º Elaboração do programa

Em geral, a preocupação dominante é exibir um programa vastíssimo que ocupe, melhor ou pior, fartas horas de recreação. Mas dificilmente se conseguirá que um programa de tal duração se apresente impecável e — sobretudo — não fatigue ou aborreça.

Quer se realizem ao ar-livre (num acampamento, campo de jogos etc.) ou numa sala (ginásio, salão de festas, etc.), portanto com maior ou menor comodidade — e é sempre necessário atender a esta, para se conseguir um público atento — as festas dos Centros da Mocidade Portuguesa devem ser, quanto possível, breves.

É de tradição iniciá-las com algumas palavras proferidas pelo Director do Centro, Comandante ou qualquer Graduado. Se for um de vós o indicado para tal missão, tenha sempre presente que somos contrários às prolongadas peças oratórias, às circunspectas conferências, à retórica fácil de todos os discursos. Nada de frases empoladas, rebuscadas àvidamente em qualquer vocabulário; tão sòmente simplicidade e sinceridade.

Enfim, ditas as «duas palavras» de abertura, que explicarão, por certo, o significado da festa (e que deverão ser, o mais possível — repetimos —, «duas palavras»), vá de preencher o programa com a apresentação de pequenas ou grandes massas orfeónicas, recitativos, interpreções musicais, sessões de cinema ou de teatro. Mas, cuidado! A dificuldade encontra-se, precisamente, na escolha acertada destes números.

Só porque determinada poesia trata um tema que nos merece respeito e aplauso, não é razão para a declamar, se não for, verdadeiramente, uma obra de arte. [1] O mesmo se dirá das canções, trechos musicais, cine-dramas e peças de teatro a apresentar. Fugir, o mais possível, às canções revisteiras, até de sentido dúbio, que transformem a vossa festa num pouco simpático «acto de variedades» de qualquer *festas de amadores*. Cantem-se canções populares populares da região ou tiradas do nosso «CANCIONEIRO», outras pratióticas, alegres, viris, harmoniosas. E para todas se crie um ambiente agradável, um arranjo cénico apropriado. E das peças de teatro, que dizer? A Mocidade Portuguesa tem vindo, há anos já, organizando concursos de peças de teatro; algumas editou até.

Pois bem: por intermédio desta Revista podereis consegui-las, com as necessárias indicações de montagens e figurinos. Assim vos será fácil resolver tal problema, evitando levar á cena obras caducas e impróprias. Um teatro bem escolhido, com peças adequadas (conforme a festa for dedicada a filiados de Centros Escolares, Extra-Escolares ou Primárias) desenvolverá nos rapazes o espírito de observação o sentido artístico, colaborando na sua formação intelectual. Por isso ele nos parece essencial nas festas da Mocidade Portuguesa.

A sua inclusão tornaria a realização da festa mais morosa? É possível. Mas pouco ou nada interessa realizar obra apressada — já aqui se disse — se tal obra for deficiente e até nociva.

Todos estes números deverão ser distribuídos pelo programa com equilíbrio, alternando os recitativos com as canções e trechos musicais. Se houver teatro, este fechará naturalmente o espectáculo. E pronto — parece-me que algo se disse, de proveitoso, sobre a elaboração do programa. No próximo número falaremos sobre a escolha dos elementos que o interpretarão, decoração do local onde a festa se realizar, etc, etc.

---

[1] — No próximo número se começará a publicar uma pequena antologia poética de autores consagrados, para ser utilizada nas festas dos Centros.

O TRATADO



D. JOÃO O SEGUNDO

Braços cruzados, fita além do mar.
Parece em promontório uma alta serra —
O limite da terra a dominar
O mar que possa haver além da terra.

Seu formidável vulto solitário.
Enche de estar presente o mar e o céu,
E parece temer o mundo vário
Que ele abra os braços e lhe rasgue o véu.

FERNANDO PESSOA

7 de Junho de 1494.

Em Tordesilhas, Portugal reparte com a Espanha o próprio Mundo. Após ter aberto de par em par à Europa as portas do Desconhecido, rasgando no seio das tempestades o caminho da Descoberta, compartilha com a Nação vizinha a posse do infindável mundo novo.

Neste momento D. João II não é já o simples chefe de Estado que regula com outro país um conflito de interesses. O Príncipe Perfeito é o grande construtor de Impérios, o Homem que encarna toda a nossa vocação de Além-mar, de Além-Fortuna.

Herdeiro do fantástico Sonho do Infante D. Henrique, continua-lhe a obra ingente, envia navios a explorar o continente negro, que regressam com novas de terem ganho mais léguas de costa para sul, sempre mais para sul até dobrarem a ponta extrema da Africa — o invencível *Cabo Tormentório* cujo nome o Rei altera, numa antevisão profética do futuro, para o da *Boa Esperança*, esperança do Oriente, da lendária e opulenta India.

Para conter a sua ânsia, não chegam já as derrotas traçadas pelas caravelas que vão desvendando o caminho da India.

Na ponta de Sagres, onde a presença do Infante não morre, antes se avoluma, esse D. João, o segundo de Portugal, «*braços cruzados, fita além do mar. O limite da terra a dominar o mar que possa haver além da terra.*»

Continua a sonhar como o Navegador, novos rumos e mares e as outras terras a que ainda ninguém chegou. E as caravelas que manda para o Ocidente trazem-lhe a notícia de que um continente imenso jaz do outro lado do Atlântico.

* * *

Nesta altura surge um tal Cristovão Colombo, italiano de origem. Arrogante, pede ao Rei que lhe dê navios para ir à descoberta das terras ocidentais. Mas, não só pede. Exige condições — «quer tornar-se nobre, subir ao cargo de almirante, ser nomeado Vice-Rei das regiões que descobrir, fruir um décimo dos lucros da sua exploração». (1)

Perante tal prosápia, é-lhe negado o pedido.

D. João II mostra-se agora não só o Chefe entusiasta da Descoberta. Revela-se o Político. E o político hábil.

Ao saber que o projecto de Colombo é aproveitado pelos Reis de Espanha, chega a encorajá-lo. Porquê? Porque a viagem para Ocidente desviará a concorrência estrangeira do caminho da India.

Quando Cristovão Colombo consegue chegar ao Novo Mundo (embora julgue ter descoberto a India pelo Ocidente) e no regresso da viagem toca em Lisboa, o Rei desconfia que aquelas terras lhe devem pertencer. Imediatamente manda

DE TORDESILHAS

uma esquadra que reconheça os direitos portugueses sobre tais paragens.

E aqui surge o conflito.

A Santa Sé, a quem se submetiam os litígios entre os Príncipes cristãos, como autoridade espiritual máxima, ordena que se trace uma linha de demarcação, de Polo a Polo, *passando a 100 léguas de Cabo Verde;* à Espanha pertencerá tudo para oeste. Em seguida suprimem-se as doações feitas em favor de Portugal e estabelece-se o princípio de que só é válida a posse efectiva dos territórios.

Perante isto, D. João age sem perda de tempo. Está em causa todo o esforço dispendido por nós durante anos e anos. Firme e decidido, protesta enèrgicamente em Roma e prepara-se para a guerra com a Espanha.

É a Justiça que o determina. É o Império que o impõe.

A 7 de Junho de 1494, em Tordesilhas, chega-se a acordo. Os Reis de Portugal e Espanha «*demarcaram e partiram todo o Universo em duas partes iguais, por dous meridianos, um opósito ao outro, dentro dos quais ficasse a demarcação de cada um*» (2). A linha de demarcacão passa não já a 100 milhas de Cabo Verde mas a 360 e tantas daquele arquipélago. Aquem dela ficaria a maior parte do território do Brasil. E estabeleceu-se que a parte situada a ocidente da linha «*em que se inclui toda a India com o grande número das ilhas orientais ficasse à coroa de Portugal.*» (2)

O jogo político — político no verdadeiro sentido de *arte de conduzir os povos à realização dos seus Ideais colectivos* — de D. João II fora perfeito. Portugal conservava o caminho da India e todos os seus domínios sem perder o direito ao território do Brasil cuja descoberta se avizinha.

O Império estava assegurado. Metade do Mundo era nossa e, bem definidas as suas posições futuras, Portugal e Espanha — duas cabeças de Civilização — reintegravam-se na sua missão ibérica.

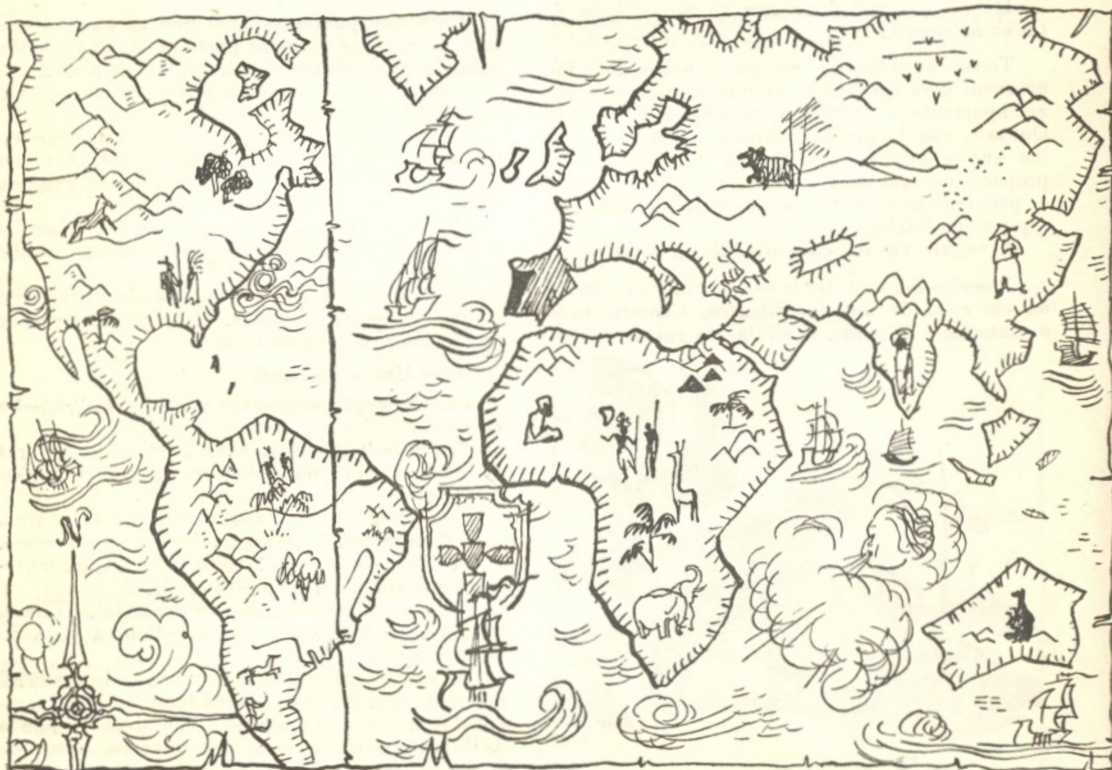
Neste momento tivemos entre mãos os destinos do Universo. A população do País não ultrapassava o milhão de habitantes mas eram grandes os homens, suficientemente grandes para tão demasiada empresa.

E a Europa pela primeira vez sentiu que estavam aqui os seus melhores Homens.

F. Elmano Alves

---

(1) João Ameal — «Hist. de Portugal», 251.
(2) João de Barros — «Décadas», 1.ª déc., 122.



CAMPISMO

O ACAMPAMENTO COM OS CHEFES DE QUINA

FIM DE MAIO! — O Comandante do Centro acaba de dar a voz de destroçar na última instrução deste ano de actividade. Essa voz de destroçar deu-te também o sinal de que começou a preparação do vosso trabalho em 1949/50.

Dos rapazes, muitos abalam em carreira desordenada, mas outros, poucos, ficam com os Graduados, começam a perguntar *se não há mais Mocidade este ano, se já acabou tudo.*

São exactamente os teus Chefes de Quina, aqueles com quem mais de perto trabalhaste, que ficam a querer saber mais alguma coisa.

Acerca-te deles, reune-os e aproveita esta ocasião única. Tens de por-lhes já um objectivo (que a Mocidade vive assim: atingido um ponto, um horizonte novo se procura logo atingir): no Verão, acabadas as aulas e os exames, *vamos fazer um acampamento de Fim de Semana.*

Claro que são vários os problemas a resolver mas a ideia tomará forma e por tuas mãos.

Os rapazes perguntar-te-ão inevitàvelmente:

— Então, que vamos fazer?

Saberás responder logo e de modo concreto. Eles têm de sentir que cada problema já possue um lugar no teu espírito.

Indico, a seguir, algumas das dificuldades de maior vulto a resolver. Experimenta pegar num papel e dar-lhes solução depois de a teres pensado maduramente. Em seguida, vê estas linhas. Pode ser que descubras algum aspecto novo.

1) — *O que vou fazer com os meus Chefes de Quina no campo?*

Todas as idas ao campo e acampamentos possuem uma finalidade. O que pretendes neste acampamento é reunir os teus cinco Chefes de Quina e, não deixando quebrar o ritmo de trabalho que mantiveste com eles na Instrução Geral, prepará-los com mais certeza e confiança para o próximo ano, fortalecendo assim, *e muito,* o espírito de Castelo.

A seguir vai indicado um esboço de horário:

Primeiro dia — À tarde — Reunião no Centro ou em casa de um dos filiados. Conferir todo o material e géneros. Mochilas às costas e *Partida para o Acampamento,* a pé, de bicicleta, combóio, camioneta, barco, etc.



16,30 — Chegada ao local. Instalação das barracas, abertura da cozinha, confecção do jantar, lenha para a «Chama». *Merenda* — trazida de casa.

19,00 — *Jantar* — Lavar e arrumar o material de cozinha.

21,00 — «Chama».

21,45 — Recolher.

7,00 — *Alvorada.* Lavagens. Confecção do café. Sacudir cobertores, arejar as barracas.

8,00 — *Içar da Bandeira da M. P.* Café. *Missa.* Começar a confecção do almoço. Exploração das imediações do acampamento, com observação do elemento natural. *Banho.*

12,30 — *Almoço* — Lavar e arrumar material de cozinha. Desmontar o Acampamento. Revista e limpeza do sítio onde esteve o Acampamento e *partida do local.*

18,30 — *Chegada ao Centro* — Reunir material e regresso a casa.

Uma vez adaptado este esquema de horário às possibilidades, apresentá-lo-ás ao teu Dirigente, que, com certeza, terá alguma coisa a aconselhar. Ele mesmo permanecerá no Acampamento, sempre pronto a dar uma sugestão, a dar ideia de como resolver o caso mais difícil.

2) — *Autorização dos pais — Aulas, exames e ida de alguns filiados para férias.*

Para que possas esperar que os pais autorizem os rapazes a tomar parte no Acampamento, estando realmente entusiasmados pela ideia, é necessário que ela apareça em casa com um aspecto de certeza.

Alguns vão para férias, mas é um acampamento de fim de semana. Experimenta escolher uma data logo depois de acabados os exames, antes de os rapazes se irem embora.

Todas as dúvidas e dificuldades que à família possam surgir, resolve-as *pessoalmente* e não por papel.

Se falares com os Pais explicando claramente o que se pretende fazer, tê-los-ás interessado imediatamente pelo assunto.

3) — *Material necessário.*

Já sabes que necessitas material *individual* e *de quina.*

Individual: mochila, cantil, bornal e artigos de uso próprio: para dormir, para as refeições e lavagens.

De Quina: 1 barraca canadiana de quina, com 2 suportes, 15 estacas, 1 picarete, 1 maço, 1 pá, 1 saco de lona, 1 cantina de quina, material de cozinha e 1 bandeira da M. P.

Vê se no Centro existe este material. Afina-o, para que esteja em perfeito estado à data do acampamento.

Se no Centro não puderes dispor do material de campismo, façam-no vocês mesmos. Informem-se das medidas da barraca, comprem o pano e as ilhoses, façam as espias e os cursores. A mãe de

(Continua na pág. 22)

JOGOS

A CARTA ROUBADA

«O Serviço de Investigações da República da Transilvânia (2.ª repartição) tinha descoberto que um documento diplomático da mais alta importância (o projecto de um tratado secreto contido numa carta) fora roubado. Os seus agentes conseguiram saber que esse documento se encontrava escondido num cofre forte, cuja situação exacta lhes era desconhecida.

Entretanto, um dos agentes obtivera o plano aproximado da zona onde o cofre devia estar.»

Mas o que tem a ver esta história com os Jogos? — dirão vocês.

Esta história? Amigos Graduados, esta história é apenas o princípio do tema de um grande jogo de campo, que nós fizemos no último acampamento da Quinta da Marinha.

Podemos dividi-lo em duas partes: primeiro, um jogo de aproximação; depois, «um pega bivaque». Eu estava lá e sempre vos digo que aquilo *aqueceu*.

O 1.º Sector (aquele onde eu estava) jogou contra o 2.º Sector.

O cofre forte estava ao pé de uma bandeirola (de homográfico), no meio de uma clareira do pinhal.

O 1.º Sector tinha o *croquis* que dava a colocação aproximada do cofre e o 2.º estava a defender. Guardei o desenho no bolso da camisa e por isso ele vem hoje reproduzido nesta página.

A certa altura ouviu-se um sinal de apito e todos pararam para se contarem os pontos ganhos pelos defensores na primeira parte.

Depois começou a caça aos bivaques. Valia a pena vocês terem visto. Consegui entrar na clareira e ia fugir com a carta. Mas tropecei numa raiz e estendi-me. Antes que os defensores me agarrassem, passei a carta ao Ravara, que estava ao meu lado e se escapou com ela.

O nosso grupo ganhou por 25 pontos contra 20. Pelo 1.º Sector!... Ala! Ala! .. Arriba!!

Regras

O grupo A de detectives tem por missão:

1.º — Descobrir, na primeira parte, a situação exacta do cofre forte, sem ser visto.

2.º — Fugir, durante a 2.ª parte, com a carta roubada, que estava dentro do cofre.

Os defensores, Grupo B, devem:

1.º — Na primeira parte, descobrir *à vista* os assaltantes.

2.º — Na segunda parte, impedi-los de roubarem a carta.

Um plano geral (plano que é preciso completar com pormenores que se irão descobrir) da zona a explorar será distribuido ao grupo A, no início do jôgo.

Joga-se em terreno bastante arborizado e num círculo de 200 metros, mais ou menos. O cofre forte pode ser uma caixa contendo a folha de papel e colocada junto de uma bandeirola de homográfico.

1 — Durante a primeira parte, todo o assaltante cujo nome seja dito por um defensor que o tenha visto, regressará ao ponto de partida e não volta a jogar até ao principio da 2.ª parte.

Haverá um «Chefe de jogo» que está junto do cofre.

Contagem de pontos na 1.ª parte

5 pontos para o grupo B por cada jogador do grupo A, que tenha sido visto.

10 pontos para o grupo A, se um dos jogadores consegue o plano completo da situação do cofre forte (é melhor jogar em «equipe» e há necessidade de sacrificar alguns jogadores, destinados a serem vistos para desviar a atenção dos defensores).

Ao toque do apito, fim da primeira parte e reunião de todos.

2 — Todos os filiados tomam parte na segunda parte do jogo.

O 1.º grupo tenta apoderar-se da carta colocada no cofre forte. As prisões fazem-se tocando no bivaque, que cada jogador traz preso no cinto. Um jogador tocado deve parar imediatamente, mas pode, antes de ser agarrado, passar a carta roubada a um dos camaradas do seu grupo ou fazê-la desaparecer.

Os defensores colocam-se por fora de um círculo de 10 metros à roda do cofre forte. Esse círculo deve estar bem marcado com bandeirolas.

Desde que um assaltante penetre no círculo, pode apoderar-se livremente da carta.

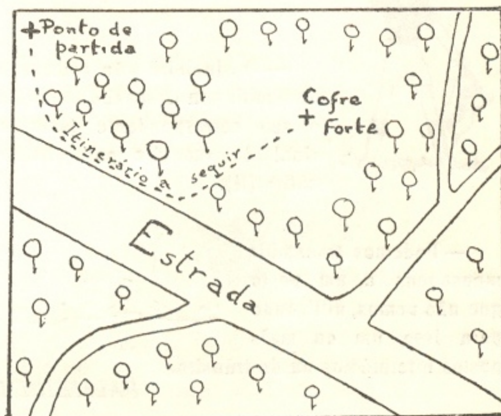
Contagem de pontos na 2.ª parte

20 pontos ao grupo A, se consegue levar a carta roubada até ao ponto de partida.

1 ponto por bivaque tomado aos adversários (para cada um dos grupos).

O grupo que tiver mais pontos no conjunto das duas partes ganha o jogo.

Centeno



TRANSMISSÕES

Não esqueças que...

— O agente de ligação, ao receber uma mensagem verbal repete-a para que quem lha transmitiu se assegure de que foi bem interpretada. Ao regressar, repete novamente a comunicação indicando a quem a transmitiu.





— O agente de ligação deve receber e entregar as mensagens na posição de sentido.

— O agente de ligação chega sempre ao seu destino o mais ràpidamente possível, utilizando qualquer meio de transporte.

— O alfabeto homográfico está dividido em 7 ciclos; em qualquer deles, o número de letras somado com o número de ordem do ciclo, é igual a oito.





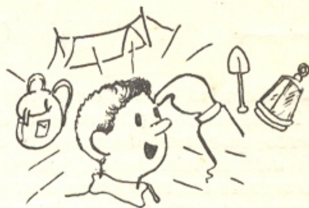
— Um «posto óptico» é constituído por dois filiados, (um sinaleiro e um coadjuvante), um par de bandeiras, papel e lápis.

— O sinaleiro não começa a transmitir um despacho antes de o seu correspondente fazer o sinal de «convite para transmitir» (K).

— Podemos transmitir mensagens a um posto que não vemos, utilizando para isso um ou mais postos intermédios ou de trânsito.



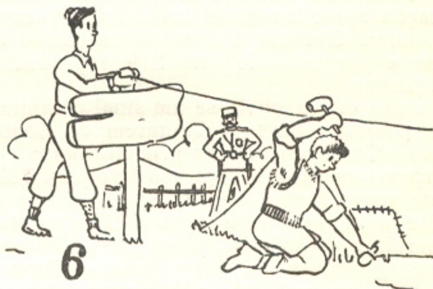
PALMEIRIM



1 — O João, outro dia, teve uma ideia genial: — *vou acampar com o Zé!*



3 — *Mas, que havemos de levar?* — E, como a lista do material nunca mais acabava, só faltou o que era necessário...



6 — Finalmente deram com um local magnífico. Até havia um poste para atar a barraca.



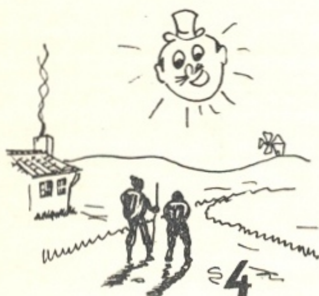
9 — Novamente de saco às costas foram dar com um grande acampamento. Esse, sim! Estava tudo em ordem, a rapaziada divertia-se, despreocupada.

— *Acaso não haveria ali abelhas nem postes de proibição?* — *preguntou o Zé aos seus botões.*

VAMOS ACAMPAR

TROPELIAS DE DOIS AMIGOS VISTAS POR Carlo Vicente 49 **2**

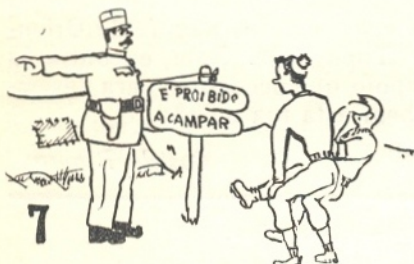
2 — E o Zé, seu companheiro de carteira lembra-se da mesma coisa.



4 — No dia seguinte, mal o sol despontou, puseram-se a caminho...



5 — ...e depois de tanto andarem — *não olhem para a figura deles, que se envergonham!* — o suor já era tanto que a estrada ficou toda molhada.



7 — O pior foi quando já tudo estava pronto e arrumado...



8 — Depois de nova caminhada, o João já não podia mais. — *Ficamos aqui mesmo* — propôs. Mas, só depois de armada a barraca é que as abelhas disseram que não estavam pelos ajustes...



10 — Mas, não. Os rapazes da M. P. são previdentes.

E, à noite, os nossos estafados herois puderam assistir ao encanto da «Chama».



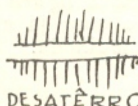
11 — Quando tudo terminou, a decisão do Zé e do João estava tomada — *De hoje para o futuro só voltamos a acampar com a M. P., está dito!*

TOPOGRAFIA Orientação e Topografia

Conta-se que, durante a guerra de 1870, entre a França e a Alemanha, um general perdeu inutilmente 3.000 homens durante uma batalha, enganado pela sua carta na qual um sinal representativo de atêrro fôra traçado como de desatêrro. De facto, tratava-se dum atêrro e não dum desatêrro. Mas, como o desenhador se esquecera de executar as duas pequenas linhas que envolvem o sinal, o general, julgando existir um desatêrro, disse que os homens poderiam abrigar-se por detrás daquela elevação que na realidade não existia! E, como a artilharia inimiga *enfiava* o atêrro, aniquilou em pouco tempo 2 batalhões, pagando 3.000 homens com a vida uma pequena distração.

Aqui tens a representação planimétrica correcta destes dois acidentes de terreno:





Por esta história vemos a grande importância que uma carta tem para a resolução de problemas relativos ao terreno. Ela pode dar-nos indicações de grande valor acerca da configuração e de certos pormenores do seu aspecto. Com ela podemos resolver questões de orientação, escolha de locais para acampamentos, marchas, etc.

E' a TOPOGRAFIA que nos permite representar e descrever o terreno por meio de desenhos (cartas topográficas), dando-nos uma ideia perfeita dos seus acidentes (ALTIMETRIA) e dos pormenores que nele existem e o caracterizam (PLANIMETRIA). Foi devido ao facto de haver um sinal planimétrico errado que se deu o desastre que acima referimos.

Se, de facto, uma carta pode ter uma importância tão grande, é necessário que todos nós saibamos lê-las, tirando o máximo partido das indicações que nos forneçam.

Para isso, teremos de relembrar certas noções que na E. C. G. nos deram e aprender outras. E' com tal fim que aqui estamos com a nossa página de Orientação e Topografia. Nela encontrarás todo o apoio que necessitas para desempenhar bem esta tua missão.

Castelo Branco

ORDEM DE SERVIÇO

As duas últimas O. S. do Comissariado Nacional publicam o seguinte respeitante a Graduados:

ORDEM DE SERVIÇO n.º 15 de 2 de Maio de 1949:

Art. 4.º — Insígnias de Especialidade:

É concedida a insígnia de *sinaleiro* ao C. C. Rui X. Faria Ravara.

Art. 5.º — Graduados apresentados para serviço:

Publica-se a relação dos Graduados apresentados para serviço nas divisões do Algarve e Angra do Heroismo.

Art. 9.º — Baixas:

«Que seja dada baixa da Organização ao C. B. Augusto F. Pereira de Gouveia e ao C. C. Joaquim Borges Boavida, ambos da Ala de Tomar.»

Art. 10.º — Regresso à actividade:

«Que fique sem efeito o publicado no art. 11.º da O. S. n.º (1948-49) relativo ao C. C. Abílio Lopes Nunes, da Ala de Tomar.»

Art. 12.º — Promoções:

Nos termos do art. 21.º do Regulamento de Instrução e Promoção de Graduados são promovidos ao posto de Comandante de Castelo 30 filiados que frequentaram o XXIV Curso da E. C. G. 3 primeiros classificados como Muito Aptos: António Chaves Retorta, João Martins Pereira e João le Coeq Neves Costa.

ORDEM DE SERVIÇO n.º 16 de 16 de Maio de 1949:

Art. 3.º — Graduados apresentados para serviço.

Publica a relação dos Graduados apresentados para serviço na Divisão do Douro Litoral.

Art. 6.º — Disponibilidade.

São passados à disponibilidade os seguintes filiados da Divisão da Beira Alta:

C. G., Mário Germano de Sousa; C. C., Manuel Ascensão Martins, Raul Guerreiro de Carvalho, C. C., Álvaro David Ferreira da Costa, Juvenal Esteves da Costa, José Maria Nóbrega Henriques, C. G., Joaquim Nunes da Silva e Sá e C. C., Américo Cruz Loureiro Nelas.

Higiene e Enfermagem

Introdução

Num jornal destinado a rapazes, condutores de outros rapazes, seria falta imperdoável a não existência de uma secção destinada ao esclarecimento e à divulgação da Higiene, encarada como Ciência e como Arte e valorizada num sentido de premência do social, que, dominando os problemas dos nossos dias, não a pode esquecer sem se atraiçoar.

Num jornal destinado a rapazes que uma dada Escola formou, na medida em que lhe foi possível, para o Pensamento e para a Acção, dever-se-á falar na solução daqueles pequenos problemas que hão-de surgir na vida dos Centros, na vida dos Acampamentos, a chamar a atenção do Graduado, a pôr em acção o seu saber e, antes de mais, o seu bom senso.

Higiene e *Enfermagem*. Enfermagem, nos seus aspectos mais simples e mais eficientes, naquilo que todos podem e devem saber fazer, a prevenir males maiores — se um rapaz cai e se fere, se há suspeita de fractura ou se um vaso sangra muito. Higiene, nos seus pontos de partida, a suscitar interesse por problemas que informam a Vida de todos e de cada um de nós, o bem estar físico, o melhor rendimento, o nível, o clima da sociedade em que vivemos.

E pouco mais...

Apenas o suficiente para tornar conscientes as atitudes. Para que o rapaz não seja autómato. Para que não faça apenas porque lhe dizem não dever fazer. Para que não faça porque compreende não dever fazer!

Informar atitudes. Perante a Vida do dia a dia, o caso concreto, individual. E, perspectivando homens dispersos pelas muitas actividades que uma Nação comporta, criar uma mentalidade higiénica a informar essas actividades, a valorizá-las.

Procuraremos falar terra a terra, rude e claramente. E gostaríamos que os rapazes, senhores dos seus problemas, colaborassem nesta secção, para que fosse viva, activa, estimulando boas vontades, descobrindo vocações e esclarecendo aqueles que, amanhã, em actividades que não esta, tenham por dever de ofício atentar nestes problemas, ou que neles atentem porque a mentalidade formada na "M. P." a isso os obrigue.

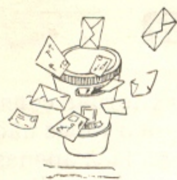
Os Graduados têm no seu Instrutor de Higiene da Escola Central, através de *Guião,* um amigo mais velho sempre disposto a esclarecê-los, a orientá-los com o que supõe ser o bom conselho. E o nosso desejo seria que esta secção do jornal fosse escrita, vivida, dinamizada pelos Graduados da "Mocidade Portuguesa".

Dr. E. Ribeiro Rosa
A. Q. S.

Assina o "GUIÃO e faz com que todos os Graduados do Centro o tenham e consultem.

Espalha a Revista pelos teus Chefes de Quina e põe-na à disposição dos filiados na Biblioteca do Centro.

Há também pessoas que se interessam pela M. P. e pela educação da juventude. Faz chegar às suas mãos a Revista dos Graduados para que melhor conheçam a Técnica e Doutrina da Mocidade!



Intercâmbio

Queres, às vezes, desabafar, conversar sobre os problemas da Organização e não encontras quem te compreenda como desejarias.

Tens decerto os teus problemas e, para muitos deles, não encontraste ainda solução que te satisfaça. Quantas dúvidas surgem sobre assuntos de instrução (Campismo, Topografia, Formações e Evoluções)?

Recordas-te dos camaradas que conheceste na Escola de Graduados? Gostarias de poder trocar impressões com eles?

Já pensaste também nos rapazes que nas nossas Colónias trabalham pela Organização e na alegria que eles sentiriam recebendo uma carta tua?

Não te lembraste ainda como seria interessante trocar correspondência com os rapazes e raparigas que, por esse Mundo fora, trabalham em Organizações de Juventude?

Para satisfazer todas estas perguntas vai servir a secção de INTERCAMBIO.

Servirá também para unir por novos laços de camaradagem todos os Graduados da Organização e ainda para estabelecer o contacto com outras organizações juvenis.

Escreve para a Redaccão do GUIÃO expondo as tuas dúvidas; receberás em breve resposta na revista ou por carta directamente enviada.

O GUIÃO estabelece INTERCAMBIO com:

I — PORTUGAL (Continental)
II — o IMPÉRIO
III — o ESTRANGEIRO
Espanha
França
E. U. A.
Brasil
Canadá
Marrocos
Argentina
etc.

MODALIDADES DE INTERCAMBIO:

a) Pessoal (Ida de Graduados duma Ala a outra)
b) Por correspondência
c) De publicações
d) De fotografias
e) De selos



CORRESPONDENTES

O GUIÃO necessita de correspondentes em todas as Divisões, Alas e principais Centros do País. Esses correspondentes terão a seu cargo a propaganda da Revista, recolha de assinaturas, distribuição de verbetes para Intercâmbio, etc.

Para isso devem os interessados enviar um bilhete com o Nome, Posto, Morada, Centro e Ala a que pertencem, dirigido à Redacção do «Guião.»

REUNIÃO DOS CORRESPONDENTES

No próximo mês de Agôsto realiza-se mais um Curso de Verão da Escola Central de Graduados.

Nessa altura devem já existir em todas as Alas os correspondentes do «Guião».

Por isso se pensa reunir todos eles, no Acampamento da E. C. G., nos arredores de Lisboa, afim de trocarmos impressões sobre a Revista e se darem instruções pormenorizadas a cada correspondente.

Assim se passará uma semana em agradável convívio e em excelentes condições de trabalho.

No próximo número publicaremos mais pormenores sobre esta Reunião.



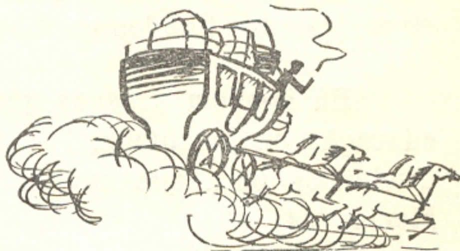
SERVIÇO DE LIVROS

O Serviço de Livros destina-se a fornecer aos Graduados e aos Centros o seguinte:

1 — Publicações da M. P.
2 — Poesias (para as festas de Centro)
3 — Peças de Teatro M. P. (com indicações de montagem, cenários e guarda-roupa).
4 — Todos os livros de carácter formativo publicados pelas nossas livrarias.

Estes livros (4) serão enviados pela Secção com o desconto de 10 % e sem encargos de correio.

Todos os pedidos devem vir acompanhados do título da obra, nome do autor e importância do custo.



Marcho a cantar

Mar-cho a can-tar em voz for - te, e a sor - rir com al - ti - vez Ben - di - go a Deus mi - nha sor - te ter - nas - ci - do Por - tu - guês

A vi - da é coi - sa bem pou - ca, mas é tão gran - de a - fi - nal Quan - do a voz me sai da bo - ca há mais sol em Por - tu - gal

Nos o - lhos - le - vo a Ban - dei - ra e na bo - ca u - ma can - ção dei à Pá - tria a vi - da in - tei - ra! Deu à ter - ra o co - ra - ção

ve - em mo - ças à ja - ne - la pa - ra me ou - vi - rem can - tar Mas noi - va só te - nho a - que - la! Que tra - go sem - pre no o - lhar -

Quem a - qui vai de lon - ga ------ da é Por - tu - gal! Não sou eu! A noi - va que Deus me deu é a Pá - tria mi - nha a - ma - da Quem ma - da

1.ª vez 2.ª vez D.C.

Música do Maestro
ALVES RIBEIRO

AS TRÊS FESTAS DA PÁSCOA

(Continuação da pág. 9)

Finalmente, acompanhado de Sua Mãe e dos Discípulos, Cristo dirige-se ao Monte das Oliveiras. Meio dia. O Sol resplandece. Dá-lhes as últimas palavras: *"recebereis as virtudes do Espírito Santo que virá sobre vós e ser-me-eis testemunhos tanto em Jerusalém como até aos confins da terra"*. Os discípulos fitam o Mestre. Quase não se apercebem de que ele sobe no espaço, que ascende ao céu onde o sol espalha mil reflexos doirados. Uma nuvem o encobre e surgem dois anjos: *"Varões de Galileia,* porque olhais para o Céu? O Jesus que dentre vós subiu e foi recebido no alto há-de vir, assim como o vistes partir para o Céu!"

Conclusão prática — O cristão deve «elevar os olhos ao céu e pela Fé e Esperança, ali habitar com Cristo na verdadeira Pátria dos Filhos de Deus».

DOMINGO DE PENTECOSTES — (5 de Maio de 1949)

Evocação — Conforme o Senhor mandara os Discípulos, em número de 120, conservaram-se no Cenáculo. Aguardam que se cumpra o Mistério.

«Eram nove horas da manhã, quando, de repente, se ouviu um grande ruído, como de vento impetuoso que encheu toda a casa. Os Apóstolos viram aparecer línguas de fogo que se dividiram e pousaram sobre cada um deles, segundo lhes era concedido pelo Espírito Santo. (S. Lucas, 24, 49). Saindo para a rua começaram a pregar por toda a Jerusalém. E, depois, da Cidade Santa se partiram a levar a Boa Nova a todos os povos do mundo.

Conclusão prática — Ao celebrar o Pentecostes, o cristão receberá, pelos Sacramentos, o Espírito Santificador da sua alma.

O Graduado católico, neste dia, pede a Deus, na sua Missa, que ilumine a inteligência dos seus Dirigentes afim de eles cumprirem a Missão que lhes cabe.

Experimenta agora falar aos rapazes nestas coisas sérias. Algumas palavras apenas, mas ditas com a convicção da tua Fé. E depois, diz-me se os rapazes não as compreendem.

Tudo depende de não querermos esconder o que somos. Somos Cristãos logo, não mintamos fingindo que o não somos.

Elmano

O acampamento com os Chefes de Quina

(Continuação da pág. 14)

um dos rapazes está pronta a coser o pano em casa. E assim temos a barraca feita.

4) — *Géneros e confecção das refeições.*

É sabido que as ementas têm de ser escolhidas com bastante antecedência. É de boa técnica fazer um quadro com a descriminação dos géneros a levar por cada um. Não ponhamos de parte os conhecimentos culinários das vossas casas.

5) — *Colaboração com os outros Graduados.*

Os Graduados — até dos outros centros — estão nesse momento tratando da organização de acampamentos, cada um com os seus Chefes de Quina.

Procura, pois, pôr-te em contacto com os do teu Centro ou os que trabalham mais perto e combina as coisas em conjunto. Embora cada quina mantenha o espírito de se bastar a si própria, há toda a conveniência em que o acampamento decorra com uma base de 5 quinas.

E, assim, quando em Agosto começarmos a falar concretamente nas nossas actividades de 1949/50, podemos ter a certeza de que contamos com os nossos Chefes de Quina e, contando com os Chefes de Quina, contamos com todos os filiados do Centro.

Alfredo Tovar de Lemos

10 minutos de conversa

(Continuação da pág. 7)

ínclita geração lhe chamou o historiador, são exemplo das mais raras virtudes».

Em resumo, que deves vincar bem para os rapazes? — Só isto:

1.º A Bandeira significa que o filiado pertence a uma grande Família — A Mocidade Portuguesa.

2.º A Bandeira resume nos seus elementos simbólicos a tradição e o culto das grandes virtudes da Pátria.

3.º O filiado da M. P. é herdeiro dessa Bandeira, e, como tal, deve:

— Orgulhar-se dela.

— Fazer tudo por se elevar acima da vulgaridade, cumprindo o lema:

HONRA — DEVER — SERVIÇO — SACRIFÍCIO.

No próximo número daremos assunto para mais 10 minutos de conversa, indicando o significado dos outros elementos da Bandeira.

Até lá, camaradas, a todos saúdo de BRAÇO AO ALTO.

Vítor Hugo

É A MOCIDADE QUE FALA!

Emissões da M. P. em Junho

DIAS	HORA	TITULO	POSTO EMISSOR	ONDAS
2	19 h. 5 m.	Rádio Mocidade	Emissora Nacional	722 kcs.
6	22 h. 30 m.	"Deus quer, o homem sonha, a obra nasce"	Rádio Renascença	1492 kcs.
16	19 h. 5 m.	Rádio Mocidade	Emissora Nacional	722 kcs.
20	22 h. 30 m.	"Deus quer, o homem sonha, a obra nasce"	Rádio Renascença	1492 kcs.
22	22 h. 30 m.	Rádio Mocidade	Emissora Nacional	722 kcs.
30	19 h. 5 m.	Rádio Mocidade	Emissora Nacional	722 kcs.

RÁDIO JUVENTUDE

Instalado na Sede do Centro Universitário de Lisboa — frequência de 1547 kcs.

Domingo — 20 h. às 22 h.

2.a feira — 16 h. às 18 h.	5.a feira — 10 h. ás 12 h.
3.a feira — 14 h. às 16 h.	6.a feira — 8 h. às 10 h.
4.a feira — 12 h. às 14 h.	Sábado — 22 h. às 24 h.

NO PRÓXIMO NÚMERO, **GUIÃO** COMEÇA A PUBLICAR UMA PÁGINA CONSAGRADA À LIGA DOS ANTIGOS GRADUADOS

O FUTURO DO TEU CENTRO ESTÁ NOS NOVOS GRADUADOS



—Já escolheste os rapazes que vais mandar à Escola de Verão?

As inscrições para o XXV Curso estão à porta.

AÍ VEEM AS FÉRIAS!...

GUIÃO

REVISTA PARA GRADUADOS

Orgão editado pela O. N. MOCIDADE PORTUGUESA para os seus Graduados

DIRECTOR
A. Castelo Branco, C. F.

Director Artístico
Carlos G. Vicente, C. F.

Chefe de Redacção
F. Elmano Alves, C. B

Redactores
F. Simões Alberto, C. F. — Victor Hugo Rodrigues, C. B. — J. B. Ascenso, C. B. — A. Tovar de Lemos, C. B. — Carlos Lima, C. B. — M. Centeno Fragoso, C. B — J. Macedo Afonso, C. B. — José M. Palmeirim, C. B. — F. Vidigal, C. B.

Redacção: CASA DA MOCIDADE
Rua de Almeida Brandão, 39 - Lisboa

Composto e impresso nas oficinas gráficas da: IMPRENSA BARREIRO, R. Victor Bastos, 51

O número 2 do GUIÃO sairá no próximo dia 1 de Agosto

CONDIÇÕES DE ASSINATURA

PORTUGAL E COLÓNIAS:	
4 números	5$00
6 „	7$50
12 „	15$00
Número avulso	**1$50**



